



JOVENS mostram a arte que substitui a pichação

O rabisco que se transforma em arte

Picasso não Pichava transforma a rebeldia adolescente expressa em muros e monumentos em atividade profissional

— Atuamos mais próximos da comunidade. A intenção é trabalhar o jovem sem desvinculá-lo da realidade em que vive. Por isso, estamos começando uma ação itinerante. São dois ônibus, 11 computadores e

mais de 50 profissionais, entre psicólogos, pedagogos, assistentes sociais e monitores, que levam cidadania e perspectiva aos quatro cantos do DF. A expectativa é atender 1,2 mil jovens por mês — revela

Carlos Eduardo Moraes, coordenador adjunto do programa.

Segundo o coordenador geral do Picasso não Pichava, Carlos Vogado, boa parte dos atendidos é integrante de gangues de pichadores

denunciadas à polícia por meio do Disque Denúncia.

— A partir daí, nossas equipes iniciam um trabalho de apuração que termina com o adolescente integrado ao projeto. São mais de 30 oficinas de ressocialização,

com atividades lúdicas, noções de cidadania e educação, que têm como tema hip-hop, rap, grafite, break, informática e capoeira — explica.

Parte do material produzido pelos adolescentes acaba em exposições e na mídia. A produção musical, por exemplo, leva ex-pichadores a espaços próprios na rádio Cultura FM.

— É gratificante ver como a auto-estima deles melhora. Onde antes existia a vontade de depredar há, agora, a consciência criadora e nasce um artista — constata Carlos Moraes.

O investimento do GDF é de R\$ 300 mil por ano. Um convênio entre as secretarias de Segurança e de Saúde permite atendimento médico, odontológico, psicológico e assistência social.

—Vamos intensificar a rede de proteção social e evitar que eles voltem a praticar atos ilícitos — promete a subsecretária.

1,2 mil

jovens estão engajados ao programa

R\$ 300 mil

São investidos pelo GDF, ao ano, no aperfeiçoamento das atividades

30

oficinas oferecidas pela Secretaria de Segurança Pública buscam ressocializar os ex-pichadores

Idealizado e desenvolvido pela Secretaria de Segurança Pública, o programa Picasso Não Pichava tem a função social de reeducar jovens pichadores, transformando o ilícito em atividade artística e profissional. Os que se recuperam passam a trabalhar como monitores, passando àqueles que ainda estão com as mãos sujas de spray as lições aprendidas nas unidades do projeto.

— Pelo menos 60% dos adolescentes que atendemos não voltaram a reincidir. Muitos até vivem com o dinheiro que ganham fazendo grafite — conta a subsecretária de Programas Comunitários da Secretaria de Segurança, Nélia Vieira.

Criado em 1999, inédito em todo o País, o programa inaugurou sua primeira unidade em Ceilândia, onde atendia cerca de 300 adolescentes em situação de risco.

Em 2000, a demanda aumentou e o projeto foi centralizado no Centro Cultural Renato Russo. Na época, quase mil jovens de cinco regiões administrativas — Paranoá, Guará, Cruzeiro, Varjão e Candangolândia — engajaram-se em uma das 30 oficinas oferecidas. Um ônibus cedido pelo GDF fazia o transporte dos adolescentes das cidades para a unidade.

O Picasso não Pichava voltou a ser descentralizado no mesmo ano devido a outro significativo aumento da demanda.